



ARTIGO

A MUSA SEM PARADIGMAS OU A HISTÓRIA NA ERA DOS SABERES DESNORTEADOS

Plínio Freire Gomes*

*Neque ridere, neque flere, nec
detestare, sed intelligere.¹*

Spinoza

Resumo: Durante os anos 70, certos autores começaram a duvidar de seus modelos explicativos. Embora possa parecer algo circunscrito ao meio acadêmico, este fenômeno estava diretamente relacionado com muitos acontecimentos concretos no mundo real. A “crise dos paradigmas”, que já se tornou tão familiar para nós, era o complexo resultado de uma série de revoluções, movimentos políticos e instabilidades, bem como de inquietações muito pessoais. Dentre todas as humanidades, a História foi aquela que sofreu o seu impacto mais profundo. Com o declínio da teoria, nosso interesse está se deslocando dos problemas estruturais para o homem propriamente dito.

Palavras-chave: Crise dos paradigmas - epistemologia - marxismo - estrutura - pós-modernidade - narrativa.

É inevitável que a mudança das coisas vividas irrompa no mundo das coisas pensadas. Eis porque o historiador costuma sentir-se inseguro quando especula sobre os destinos da sua disciplina. Tantas são as linhas de investigação e as perspectivas conceituais, tão volúveis as tendências de cada tradição historiográfica que qualquer tentativa de prognóstico exige, além de fôlego, uma considerável dose de ousadia intelectual.

¹ “Nem rir, nem chorar, nem amaldiçoar, mas compreender.”

* Instituto Universitário Europeu.



Menos arriscado, mas nem por isso menos interessante, é confrontar as pesquisas feitas atualmente com as previsões e promessas das gerações que nos antecederam. Em 1977, o italiano Arnaldo Momigliano publicou um breve artigo destinado a esboçar diretrizes para a avaliação da historiografia contemporânea (1977: 596-609). Escrito com a preocupação de ser mais abrangente que propriamente analítico, o texto visita as diversas áreas do saber histórico (da erudição clássica aos estudos serialistas norte-americanos), relaciona autores e obras, indica posicionamentos metodológicos. Porém, o fato de ele haver privilegiado o período 1961-1976 não parece seguir qualquer critério objetivo. Na prática, Momigliano limita-se a afirmar que estes quinze anos de produção acadêmica consolidaram duas características já manifestadas anteriormente: o declínio do marxismo de tipo soviético e a aproximação com as ciências sociais, em particular a Antropologia. O que prevalece, em suma, é o sentido de continuidade.

Hoje sabemos que, naquele ínterim, mudanças bem mais profundas estavam se processando. Mudanças que em grande medida redefiniram as feições da disciplina. Se Momigliano não as enxergou, foi por estar demasiadamente próximo delas. Pouco antes do seu texto vir à luz, foram lançadas duas obras que logo se revelariam decisivas, verdadeiros marcos do escrever História: *Montaillou*, de E. Le Roy Ladurie (1973) e *Il Formaggio e i Vermi*, de Carlo Ginzburg (1976).

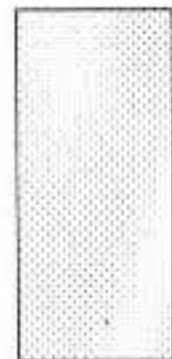
Embora ambas confirmassem a influência da Antropologia, a maneira com a qual se utilizaram dela foi de uma originalidade notável. Ladurie chegou ao paroxismo de analisar uma fonte histórica (processos inquisitoriais) e debruçar-se sobre um tema histórico (a dissolução da heresia cátara no sul da França) para não contar história alguma. Subvertendo fronteiras epistemológicas, seu livro é uma brilhante etnografia do passado. E, para surpresa do próprio autor, transformou-se num grande sucesso de público².

Já *Il Formaggio e i Vermi* teve o mérito de revalorizar a dimensão microscópica do indivíduo, evidenciando o desgaste das correntes que induziram as humanidades a pensar o real em termos

A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

² De fato, talvez tenha sido Ladurie o responsável pela previsão mais equivocada da historiografia recente. Em pleno maio de 1968, quando trabalhava com padrões demográficos e índices de produção alimentar, ele escreveu um artigo ao *Le Nouvel Observateur* vaticinando que o historiador dos anos 80 “será um programador ou não será nada” (v. *Le Territoire de L’Historien*. Paris, Gallimard, 1973, p. 14. Sete anos mais tarde, Montaillou e toda uma geração que seguiria sua influência vieram a provar o contrário.



A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

exclusivamente coletivos. Ginzburg retornou ao Friuli quinhentista para trazer à luz a biografia de um camponês que comparava o surgimento do universo à putrefação do queijo, onde os vermes seriam anjos e Deus tudo o que pode ser visto e tocado. É óbvio que tais idéias não eram típicas do grupo social de quem as concebeu. Nem tampouco serviriam para caracterizar uma época. Porém, Ginzburg conseguiu fazer história com elas – e história no sentido mais forte do termo. Longe de estar isolado na sua extravagância, aquele camponês cultivador de cosmologias nos revela como a crise espiritual da Reforma, aliada à crescente circulação de livros impressos, desencadeou cruzamentos culturais entre o popular e o erudito que eram marcados por uma dinâmica surpreendentemente própria.

Tanto num caso como no outro, não se tratava de rejeitar o valor dos grandes arranjos sistêmicos ou das análises macro-estruturais. Descobriu-se apenas que a realidade histórica torna-se muito mais pulsante e complexa quando interpretada a partir dos atores que a vivenciam. A preocupação em reportar experiências íntimas às especificidades de um contexto – com suas formas de poder, conflitos sociais, fatores econômicos, etc – continua presente. Mas tais elementos passam a formar agora um quadro geral, onde também comparece a esfera imponderável dos valores, das sensibilidades e mesmo das inclinações pessoais. O nexos mecanicista entre classe e visão de mundo ou entre ideologia e consciência é suplantado pela tentativa de reconstituir uma teia de relações altamente subjetivas e contingentes³.

Sem dúvida, liberar o fazer história de qualquer apriorismo determinista não era uma proposta inédita. Muito antes dos dois livros que acabamos de examinar, autores como Mikhail Bakhtin e Norbert Elias já haviam seguido a mesma trilha. Mas não deve passar despercebido o fato de que suas obras só começaram a chamar atenção três décadas após serem produzidas. *Über den Prozess der Zivilization*, que Elias concluiu em 1939, esperou até fins dos anos 60 para superar um estado de virtual esquecimento. Analogamente, Bakhtin (cuja tese sobre Rabelais foi reprovada em 1942) teve direito à reabilitação tardia numa revista literária russa, sendo pouco depois

³ Eis porque a ação humana, tal como é concebida por Ginzburg (1976), nunca se encerra completamente nos limites impostos pelo meio social. “Como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível onde ele exercita sua própria liberdade condicional”.



descoberto pelo Ocidente nas traduções inglesa de 1968 e francesa de 1970.

Toda essa movimentação no mundo editorial ligava-se a uma conjuntura mais vasta. Ela reflete o momento em que os esforços da academia, bem como o gosto dos seus leitores, começaram a refluir em direção a outra forma de conhecimento histórico. As sínteses globalizantes com seu conceituário de grande envergadura teórica (“imperialismo”, “modo de produção”, “luta de classe”) cedem terreno para o corriqueiro e o cotidiano. Em contraposição às verdades secas do quantitativismo, emerge a busca pelo estatisticamente irrelevante, com ênfase no singular e no extraordinário. Até porque, agora é a ordem do incalculável que entra em cena: o amor, o medo, o desejo, a feminilidade⁴.

Como se vê, havia algo muito mais sério sendo posto em xeque do que o marxismo “de tipo soviético”. As humanidades de um modo geral – mas, sem dúvida, a História em particular – começaram a dar sinais de profundo descontentamento em relação aos seus modelos explicativos. Subitamente, fórmulas que gozavam da mais sólida reputação, dogmas que nortearam carreiras inteiras deixaram de fazer sentido. Ou, para usar uma imagem clássica, se desmancharam no ar. Em alguns casos extremos, chegou-se mesmo a duvidar que a realidade fosse passível de ser explicada *tout court*⁵.

Sem dúvida, esse mal estar do saber que marcaria os anos 70 não foi fruto do acaso, nem tampouco de divagações para o uso ascético e metafísico das teses universitárias. Por trás dele, estavam ocorrendo uma série de acontecimentos concretos que forçaram a *intelligenza* a abdicar de antigas certezas. E é certo que as rebeliões de 1968 tiveram um papel decisivo nisso: não só pela atmosfera contestadora que as cercava, mas principalmente pelo traumático fracasso de suas utopias.

Passado o calor das manifestações, o pensamento engajado começaria a sofrer derrotas em muitas frentes. A América Latina caía no equívoco da luta armada, seguida pelo fracasso da experiência democrática no Chile. A Ásia serviria primeiro de palco às grotescas exposições do fanatismo maoísta e, pouco depois, ao apocalipse

A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

⁴ A linhagem de trabalhos elaborados dentro dessa perspectiva é vastíssima. Para mencionar somente os mais expressivos, v. ARIÈS, Philippe (1977), DELUMEAU, Jean (1978), DAVIS, Natalie (1983) e DUBY, Georges e PERROT, Michele (1993).

⁵ Tal era o caminho indicado por Derrida (1967) quando repensou a fenomenologia husserliana à luz da filosofia da linguagem. Segundo ele, nossa razão seria incapaz de operar com as manifestações do empírico por estar enclausurada no nível arbitrário da lógica que funda a referência. Portanto, o Ser como significado (ou seja, os fenômenos) e o “Ser” como significante (as palavras que os nomeiam) constituiriam duas esferas incomensuráveis: a única objetividade possível no discurso científico estaria em falar sobre si mesmo.



A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

campesino promovido pelos guerrilheiros do Khemer Vermelho. Já na Europa Ocidental, as românticas barricadas do maio francês se degeneravam na paranóia terrorista do Baader-Meinhof e das *Brigade Rosse*. Por fim, havia a incômoda presença do “socialismo real” que, mesmo tendo sido repudiado há muito, continuava a provocar constrangimentos na esquerda e perplexidade no meio acadêmico.

Ao publicar em 1974 suas revelações sobre o regime soviético, Alexander Soljénitsyne foi o estopim de uma reação em cadeia que atingiu frontalmente boa parte da intelectualidade. François Dosse chegou a cunhar a expressão “efeito Goulag” para se referir a este amplo processo de desencanto e autocritica. Pois já não se tratava mais de atribuir os horrores do mundo socialista a um mero complô de burocratas ou ao culto de uma personalidade historicamente circunscrita. Agora era um sistema de poder e seu respectivo aparato ideológico que se desmoralizavam por inteiro.

Não foi por acaso que, embora forjada na crítica ao stalinismo, o grupo da *New Left* inglesa recebeu com a mais absoluta reserva o livro de Soljénitsyne. Sua preocupação em resgatar os valores religiosos do povo russo acabou sendo taxada de “reacionária”. Pior ainda: chegou-se ao cúmulo da ingenuidade de argumentar que a oposição à ditadura do Partido Comunista teria maior eficácia se soubesse resgatar a memória de Marx e Lênin⁶.

Mas, como Dosse notou com finura, essa nova fase de agonia do marxismo no plano político não resultou apenas no desgaste da retórica comprometida. Mesmo as correntes que sempre reivindicaram uma postura essencialmente não militante foram afetadas pela onda de choque. Tal é o caso do estruturalismo, que também se apresentava como um instrumento analítico global da sociedade e da história. À semelhança dos materialistas-históricos, os estruturalistas passaram anos rejeitando a validade científica da observação do visível para que melhor se percebesse certas lógicas ocultas e onipresentes. O nível explícito, fragmentário e parcial do empírico só tinha valor enquanto manifestação de mecanismos articulados numa esfera muito mais profunda.

⁶ Veja-se a resenha de Roy Medvedev. “On Gulag Archipelago”. *New Left Review*, London, n. 85, May-June 1974, pp. 25-36 e, principalmente, Ernest Mandel. “Solzhenitsyn, Stalinism and the October Revolution”. *New Left Review*, n. 86, July-August 1974, pp. 51-61.



Ora, o que o efeito Goulag trazia à tona era uma realidade onde o ver e o ouvir já se revelavam óbvios demais para depender de interpretações ulteriores. Naquele contexto, qualquer sofisticação conceitual serviria apenas para descaracterizar a dimensão da tragédia em curso. Aliás, é curioso lembrar o desconforto que na altura o cidadão Derrida sentiu com a própria obra filosófica. Entusiástico desconstrutor da idéia de autoria e de responsabilidade, ele se viu obrigado a reconhecer que suas garantias legais haviam sido de fato violadas pela ação de um sujeito institucional claramente discernível: em viagem pela Tchecoslováquia, as autoridades comunistas o forçaram a comparecer diante de um comissariado de polícia. A crueza dos opressores era, com efeito, tamanha que a única resposta consistente parecia ser o retorno aos mais elementares valores da democracia europeia. Assim, antigos preceitos de fundo iluminista, tais como a defesa dos direitos humanos, voltaram a entrar na ordem do dia (Cf. DOSSE, F. 1992: 341-2).

Esse humanismo tardio, entretanto, nunca chegou a ser tomado como ponto de referência para a elaboração de uma ideologia alternativa. Se é certo que ele inspirou manifestações de massa – como foi o caso do movimento pela anistia no Brasil ou das mães dos desaparecidos na Argentina –, também é indubitável que não houve qualquer tentativa unificada de utilizá-lo para revitalizar velhos sonhos de fraternidade. Afinal, os defensores do mercado estavam sendo surpreendidos num momento em que já tinham bem pouco a oferecer. Com o advento da recessão, até mesmo o maior símbolo do Ocidente passou a sofrer seus primeiros abalos: a triunfante engenharia do Estado do Bem-Estar Social deparava-se com suas próprias contradições, apresentando claros sinais de fadiga. O otimismo característico do pós-guerra nos países ricos começava a dar lugar a uma cultura insegura, potencialmente xenófoba e cada vez mais centrada na fantasia do sucesso pessoal (ROSANVALLON, P., 1981 e LASCH, C., 1991).

Ademais, a partir de 1979 outro dado perturbador entraria em cena. No longínquo Irã, um “déspota esclarecido” cuja tirania trazia o verniz do liberalismo e dos dólares americanos, levou o povo

A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes



A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

às ruas na primeira revolução islâmica da história. Embora sua queda não deixasse de ter certo sabor setecentista (com direito a festins principescos, masmorras e guerra civil), o que os rebeldes muçulmanos exigiam era estranho a tudo o que então se entendia por fazer política. Ignorando a tradição dos ideais igualitários gestados na luta contra o Antigo Regime europeu, eles irão confundir os arautos da esquerda e da direita ao ressuscitar um discurso de feitio abertamente teocrático.

O significado de tais acontecimentos não poderia passar despercebido. Ante uma realidade histórica cada vez mais complexa e instável, era forçoso que se reconhecesse a limitação das interpretações totalizantes. A multiplicidade do observado simplesmente ultrapassava a ordem transcendente, abstrata e sistêmica das teorias em vigor. Eis a origem do que se convencionou chamar de “crise dos paradigmas”.

Sintomaticamente, a produção acadêmica dos anos 70 termina com dois textos que se notabilizaram por assumir esse agudo sentimento de descrédito. O primeiro é *La Condition Postmoderne*, onde Jean-François Lyotard traça um informe sobre o estado do saber nas sociedades desenvolvidas. De acordo com ele, o que as últimas décadas do século XX pareciam estar descortinando era o fim dos “metarelatos” – ou seja, das diversas promessas redentoras e universalistas que, de tempos em tempos, pretenderam mudar o mundo baseadas na razão, na técnica e na liberdade. Por conta disso, Lyotard infere que a idéia de História (enquanto História Universal) já perdera sentido.

Mas é óbvio que para a história (enquanto disciplina) as conseqüências não poderiam ser menos profundas. Uma vez descartada a crença na “evolução” da humanidade rumo a sua libertação utópica, fica fácil perceber que o papel do historiador altera-se radicalmente. Agora a investigação do passado não tem mais por que se ater à busca dos mecanismos gerais que, conforme se supunha antes, conduziriam os homens ao seu destino comum. Bem mais significativo seria abandonar a falsa segurança da teoria para aceitar o fato de que a história e suas transformações são, acima de tudo, fenômenos imponderáveis.



Tal problemática veio na mesma época a ser desenvolvida magistralmente por Lawrence Stone. Seu ponto de partida é uma frase que talvez possa soar algo tautológica: “Historiadores quase sempre contaram histórias”, sentencia ele. Na verdade, o leitor não demora a verificar aí uma ironia com as correntes historiográficas que, durante 50 anos, negligenciaram a vocação milenar da disciplina - qual seja, a narrativa. Stone constata que, por influência do marxismo e da metodologia das ciências sociais, muitos autores haviam passado a produzir uma história dita “científica”.

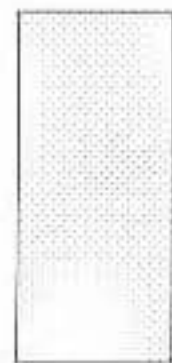
O materialismo-histórico, assim como o modelo demográfico francês inspirado por Braudel e ainda a cliometria norte-americana decidiram renunciar a tudo que parecesse efêmero ou episódico. A proposta era, isto sim, buscar a tendência mais duradoura, o evento mais carregado de conseqüências, visando sempre dar um salto em direção às estruturas invisíveis da totalidade. Não raro, chegaram ao extremo de aspirar a um grau de precisão que só podia ser alcançado através do cálculo matemático. Atentos às curvas de preço, aos coeficientes de nascimento, aos níveis da produtividade agrícola, enfim, a toda sorte de números e coisas mensuráveis, eles supunham haver encontrado a chave última da explicação histórica. Eram efetivamente mestres em considerar fatores e circunstâncias. Mas em compreender o homem que sofria tais injunções, nem tanto...

Foi assim que, naquele final de década, começou a se delinear uma acentuada desilusão anti-científica. Pois o declínio do engajamento político estava tendo o efeito de levar os historiadores a uma profunda reavaliação do seu material empírico. O contato descomprometido com as fontes deixou evidente que o caótico turbilhão da história vai muito além de qualquer explicação pré-fabricada. Hoje, para desalento dos teóricos, a possibilidade de encarar as mudanças intelectuais, psicológicas e culturais como variáveis independentes de importância crucial no curso dos acontecimentos deixou de ser um anátema.

Afinal, como observa o espanhol Antonio Morales Moya, a agudização da crise na qual estamos imersos por si só já pressupõe uma perspectiva fragmentária do mundo. Enquanto a obsessão pelas

A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes



A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnorteados

Plínio Freire Gomes

interpretações sistêmicas e estruturais perde consistência, as pequenas histórias que compõem a vida cotidiana passam ao centro das atenções. Nossa sensibilidade se abre para o que há de mais genuinamente humano no passado: indiferentes às generalidades da estatística ou à mecânica dos interesses econômicos, nos debruçamos sobre o grande enigma que é a aventura pessoal dos nossos ancestrais. Investigando a tragédia de seus enganos e o brilhantismo de seus achados, desejamos saber como eles se colocaram diante de um mundo que para nós, filhos crepusculares da modernidade, parece se tornar cada vez menos compreensível.

Na prática acadêmica, isto vem se traduzindo – e aqui retomo o raciocínio de Stone – numa crescente aproximação entre o ofício do historiador e a arte imemorial do contador de histórias. A diferença reside obviamente no grau de diálogo que ambos estabelecem com a fonte. Se o narrador pode se contentar em apenas reproduzir o que ouviu de outrém, o historiador tem o dever de estabelecer os limites de credibilidade da história que irá contar.

A semelhança de meios, porém, salta à vista. Ao invés de analisar a realidade a partir de um distanciamento olímpico como se fazia até há pouco, a principal tarefa do historiador é concentrar-se no domínio da descrição: o importante é saber narrar uma seqüência de fatos de forma não apenas coerente, mas sobretudo intensa. Porque, para além do próprio enredo, a boa narrativa histórica deve sugerir outros campos de significação que iluminem todo um contexto subjacente. O resultado é um forte sentido de elegância estilística, no qual a agudeza e o preciosismo aforístico são regidos pelo trabalho exaustivo com a documentação. Por paradoxal que pareça, o eixo epistemológico da disciplina poderia agora ser sintetizado na velha fórmula de Novalis – “quanto mais poético, mais verdadeiro”.

Obras como as de Ginzburg, Ladurie e tantos outros tiveram o mérito de pressentir a aproximação dessa mudança. Elas nos fizeram ver que, graças aos recursos da narrativa, até a aparente banalidade da existência individual revela uma completa constelação de tensões históricas. Acima de tudo, seu vibrante conteúdo humano



deixou claro que os fatos da estrutura não poderiam mais ser tomados enquanto um fim em si mesmo.

Quando foram impressas, nem todos perceberam o alcance de suas intuições – talvez nem os próprios autores. Mas sabe-se que a história, assim como qualquer forma de conhecimento, é filha da época que a gera. E a época em questão já estava se encarregando de despojar saberes e sabedores de uma auto-confiança excessivamente deslocada para a aspereza do seu ceticismo. Sem podermos mais recorrer aos cânones de um outro tempo, nós – humanistas de todas as formações – fomos obrigados a aceitar o desafio do pensamento sem rumo certo. Em uma palavra, nos desnortamos.

Ainda é cedo para avaliar todas as conseqüências desta nova (des)orientação. Mas no caso particular da história certamente ela se revelou muito frutífera. Pois, com menos paradigmas estamos tendo mais inspiração. ■

A musa sem paradigmas – ou a história na era dos saberes desnortados

Plínio Freire Gomes

GOMES, Plínio Freire. Muse Without Paradigms – or History in the era of misguide knowledges. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, 3: 49-59, 1.sem. 1996.

Abstract: During the seventies, some authors started to doubt about their explanatory models. Although it might seem to be something circumscribed in the academic environment, this phenomenon was directly related to many concrete happenings in the real world. The “paradigm crisis”, which has become so familiar to us, was a complex result of a number of revolutions, political movements, and economic instabilities as well as very personal inquietudes. Amongst all humanities, History was that one which has suffered its deepest impact. With the decline of the theory, our interests is shifting from structural problems to man himself.

Uniterms: Paradigm crisis - epistemology - Marxism - structure - post-modernity - narrative.



**A musa sem paradigmas – ou a história na
era dos saberes desnorteados**

Plínio Freire Gomes

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *L'Homme Devant la Mort*. Paris, Seuil, 1977.
- DAVIS, Natalie. *The Return of Martin Guerre*. Cambridge, Harvard U. P., 1983.
- DELUMEAU, Jean. *La Peur en Occident*. Paris, Fayard, 1978.
- DERRIDA. *De la Grammatologie*. Paris, Editions de Minuit, 1967.
- DOSSE, F. *Histoire du Structuralisme*. Paris, La Découverte, 1992, v. 2, pp. 341-2.
- DUBY, Georges e PERROT, Michele (orgs.). *Femmes et Histoire*. Paris, Plon, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *Il Formaggio e i Vermi*. Torino, Einaudi, 1976, p. XX.
- LADURIE, E. *Le RoyLe Territoire de L'Historien*. Paris, Gallimard, 1973, p. 14.
- LASCH, Christopher. *The Culture of Narcisism: American life in an age of diminishing expectations*. New York, Norton, 1991.
- MANDEL, Ernest. "Solzhenitsyn, Stalinism and the October Revolution". *New Left Review*, n. 86, July-August 1974, pp. 51-61.
- MEDVEDEV, Roy. "On Gulag Archipelago". *New Left Review*. London, n. 85, May-June 1974, pp. 25-36.
- MOMIGLIANO, A. Linee per una valutazione della storiografia del quindicennio 1961-1976. *Rivista Storica Italiana*. Napoli, Edizioni Scientifiche Italiana, LXXXIX, fascicolo III-IV, 1977, pp. 596-609
- ROSANVALLON, V. Pierre. *La Crise de l'Etat-providence*. Paris, Éditions du Seuil, 1981.